

DO AUTOR *BESTSELLER* DE *A MORTE DO PAPA*

NUNO NEPOMUCENO

A CÉLULA ADORMECIDA

UM SILÊNCIO ATERRADOR
ESTÁ A CRESCER NA SOCIEDADE



cultura

**UM PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
VÊ-SE ENVOLVIDO NUM ATO TERRORISTA
DE DIMENSÃO MUNDIAL. AS AUTORIDADES INTERVÊM
E INTERROGAM-NO. MAS ENQUANTO AS PRIMEIRAS
RESPOSTAS COMEÇAM A SURGIR, UMA DÚVIDA PERSISTE:
POR QUE MOTIVO CONTINUA ELE A MENTIR?**



Lisboa desperta para um cenário aterrador. Um bombista suicida barra-se no interior de um autocarro e o novo primeiro-ministro é encontrado morto. Ao mesmo tempo, uma jornalista tão bela como determinada recebe um ultimato de um ente querido — é sua responsabilidade descobrir toda a verdade.

Os Serviços Secreos portugueses reúnem provas e concluem que uma célula terrorista adormecida está pronta a ressurgir. Com um evento internacional a aproximar-se, pedem ajuda a Afonso Catalão, um reputado especialista em Ciência Política e Estudos Orientais, que já viveu no Médio Oriente. Mas é aí que acabam por deparar com um poço de mistérios e meias-verdades ainda mais negras do que o novo ataque que está prestes a acontecer.

Passado durante os 30 dias do Ramadão, abordando temas atuais como a xenofobia e o racismo, *A Célula Adormecida* transporta-nos numa viagem deslumbrante por locais como Istambul, ou o interior da Mesquita Central de Lisboa. Inovador entre o género dos *thrillers* religiosos, este é não só um livro de leitura compulsiva e voraz, como também uma incursão temerária aos segredos mais recônditos da vida privada de um homem.

NOVA EDIÇÃO

Pedida pelos leitores.

Inclui capítulos inéditos,
final alternativo e conto especial.

Também disponível em e-book		
	ISBN 978-989-8979-77-3	
	* A companhia dos livros.	IP 081
		CE 073



BIOGRAFIA OFICIAL NUNO NEPOMUCENO

Nasceu em 1978. Revelado através do Prémio Literário Note! 2012, é autor de livros como *Pecados Santos*, ou *A Última Ceia*, publicados pela Cultura Editora em 2018 e 2019, respetivamente.

Representado pela Agência das Letras, é um dos escritores de *thrillers* mais acarinhados em Portugal. *A Morte do Papa*, datado do início de 2020, transformou-o em N.º 1 nacional de vendas de livros. Reapresenta agora, numa nova edição, *A Célula Adormecida*, o início da série *Afonso Catalão*, originalmente publicado em 2016.

Para mais informações, consulte o *site* oficial do autor: www.nunonepomuceno.com.

“

O autocarro interrompeu momentaneamente a marcha, deixando subir a bordo uma mulher. O muçulmano fitou, horrorizado, o menino que vinha pela sua mão. Caminhava com dificuldade, aos tropeções, divertido, com os braços no ar, como se estivesse a testar o equilíbrio. Inocente, a criança sorriu-lhe. Ibrahim levou uma mão ao peito, para aconchegar os explosivos que carregava presos ao corpo, debaixo do casaco que vestia.

a célula adormecida
nuno nepomuceno



Uma marca



info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—

© Nuno Nepomuceno e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *A Célula Adormecida — Um Silêncio Aterrador Está a Crescer na Sociedade.*

Autor: Nuno Nepomuceno

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Ana Gaspar Pinto

Capa: Vera Braga

Imagem de capa: © Shutterstock

Fotografias do autor por Anna McCarthy. © Anna McCarthy e Nuno Nepomuceno

A Célula Adormecida contém palavras e expressões em árabe, que nesta edição surgem transliteradas para o alfabeto latino, para uma mais fácil compreensão pelo leitor.

O livro integra excertos do Alcorão traduzidos de forma livre pelo autor a partir da edição inglesa de M. A. S. Abdel Haleem (Oxford Classics, 2008). Para uma melhor interpretação dos mesmos, deverá ser lida a versão original.

ISBN: 978-989-8979-77-3

1.ª edição: maio de 2020

Impressão e acabamento: Eigal – Indústria Gráfica S.A.

Depósito legal: 469511/20

PA: 670 gr

Formato: 15x23 cm

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Em 2012, quando a guerra civil na Síria e noutros países limítrofes começou a atingir uma dimensão catastrófica, a população do Médio Oriente, motivada pelo desejo de encontrar a segurança e liberdade que lhe faltavam, procurou uma vida melhor e rumou à Europa, apostando tudo numa viagem em condições precárias e com um destino incerto.

O Mediterrâneo tornou-se, assim, no palco dessa migração, e, simultaneamente, um cemitério a mar aberto, onde aqueles que arriscavam a travessia jogavam todas as noites a própria vida.

A Célula Adormecida é uma obra de ficção inspirada em acontecimentos verídicos. Contudo, as personagens que nela aparecem foram criadas pelo autor. As ações e opiniões que expressam não devem ser confundidas com as personalidades reais a que correspondem. O mesmo se aplica às organizações citadas no livro.

Ordem cronológica da série *Afonso Catalão*

- *A Célula Adormecida*
- *Pecados Santos*
- *A Última Ceia*
- *A Morte do Papa*

O livro *A Célula Adormecida* foi originalmente publicado em 2016. A ação do livro decorre entre 2012 e 2016, período ao qual se referem os factos narrados nesta reedição.

Preâmbulo

Mar Egeu, ao Largo da Ilha Grega de Lesbos

No Fim do Verão de 2012

Um sentimento de angústia e desamparo apoderou-se do coração deles. Há muito que se encontravam à deriva, exaustos, deixados perdidos nas águas turvas do mar, entregues a um arbítrio que não compreendiam. Era de noite. A escuridão envolvia-os. E eles não mais acreditavam.

Tinham abandonado tudo — o país, a família, a guerra e a própria vida. Mas naquela noite negra, amontoados num bote simples de borracha, uma promessa de esperança, o sonho de uma vida melhor, sobretudo em paz, esvaíra-se. A descrença derrotara-os e o sentimento de perda era tão vasto como o horizonte preto e imutável, que fitavam com alheamento: avassaladoramente infinito.

O barco rangeu e vergou-se ainda mais, frágil sob o peso imenso que carregava, indefeso contra o poder das correntes. O motor estava mudo, sem combustível, condenado desde o início ao fracasso, tal como o grupo. O contrabandista que lhes vendera a viagem na Turquia cedo se atirara borda fora e regressara a nado para terra. Era um vendedor de sonhos e de quimeras inglórias.

Aisha, uma mulher síria de olhos azuis e rosto moreno, beijou a testa do filho mais velho e afagou-lhe o cabelo, virando para o céu o rosto. Secos e gretados, os lábios moveram-se dolorosamente, orando, pedindo clemência, um sinal de algo que lhes permitisse subsistir.

Ao seu lado, com Sarita, a filha de oito anos, adormecida de encontro ao peito, Sami, o marido, observou-a, mantendo-se em silêncio. Abraçou ainda mais as duas crianças. Ahmad, «o muito amado», aconchegou-se, abrindo com dificuldade os olhos puros e grandes que herdara da mãe. Tal como os outros, incluindo os bebês e idosos que os acompanhavam na viagem, estava desidratado.

Sami contemplou o Sol que nascia sobre as águas calmas do mar. Tentou recordar-se, mas perdera a noção de há quanto tempo estavam em viagem. Ele e a família eram originários da cidade de Alepo, de onde tinham fugido para escapar à guerra civil que estava a reduzi-la a escombros, ou da miséria, do abandono e da indiferença que encontraram no campo de refugiados que depois os acolhera. Não era cobarde. Lutaria até ao fim por um futuro melhor, digno e seguro para a sua família.

Um frémito repentino agitou a embarcação. Acompanhados pelo choro de um recém-nascido, alguns dos migrantes levantaram-se, apontando no sentido oposto ao do Sol que surgia nas suas costas.

— *‘Ard* — gesticulava um homem. — *‘Ard*, *‘ard*, *‘ard* — insistiu, utilizando a palavra árabe sinónimo de «terra».

Sami despertou a filha. Agarrou nela, em Ahmad e na mulher. Os quatro tiveram de lutar por se equilibrar no bote sobrelotado. As pessoas levantavam as mãos para o céu, dando vivas em sinal de contentamento, fazendo oscilar a embarcação. Mas nada lhes importava, além da visão que se materializara no meio da água. Pouco distante, uma formação rochosa, enorme, repleta de pontos de luz, começava a surgir adiante, acolhendo-os. A euforia tomou conta do grupo. As preces de Aisha tinham sido atendidas. Alá, misericordioso e clemente, ouvira-a. Iriam finalmente chegar à Europa. Era o seu porto de abrigo.

As manifestações de alegria foram interrompidas por um clarão azul e vermelho. Numa lancha, homens fardados de branco, com bonés na cabeça, aproximaram-se velozmente do bote. O som do motor confundia-se com o dos altifalantes que seguravam nas mãos. Gritavam alto, muito alto, em vocábulos incompreensíveis e pouco amigáveis.

Sami sentiu um aperto dentro do peito e puxou Aisha para si, envolvendo Sarita e Ahmad entre ambos. Não compreendia o significado das palavras que eram gritadas pela guarda costeira grega, mas algo se tornou rapidamente claro: eles não eram bem-vindos.

A lancha abordou-os e um homem atirou-se, tentando subir a bordo. Um dos oficiais afastou-o, pontapeando-o violentamente nas mãos. Mas o desespero sobrepôs-se às evidências e todos o imitaram. Só tinham uma oportunidade. Era aquela e mais nenhuma.

Os guardas repudiaram o assalto e conseguiram empurrá-los, agitando o espaço de permeio entre eles. Algumas pessoas caíram na água, o bote começou a baloiçar perigosamente e o terror gerou-se. Até que o alvoroço terminou tão depressa como começara, dando lugar a um silêncio súbito, aterrador. Suspenso no ar pelos braços da mãe, um recém-nascido esbracejava e chorava por cima de todos eles. Ela era mesmo capaz de lançá-lo ao mar.

O pânico instalou-se entre os polícias, cuja lancha se aproximou novamente. Os oficiais gregos esboçavam gestos apaziguadores, dirigidos a todos os migrantes, temendo o pior. Alguns dos homens tentaram subir outra vez a bordo, mas o acesso foi-lhes negado. Num gesto desesperado, a mulher começou a soltar bramidos em árabe, levantando o filho no ar, enquanto olhava para a água. Enlouquecera.

Incapaz de se conter, Aisha soltou-se dos braços do marido e correu pelo bote, tentando salvar o pequeno anjo.

— *Mama...* — soluçou Sarita, agarrada à cintura do pai.

Mas a iniciativa da mãe foi em vão. As duas mulheres debateram-se e o resto do grupo envolveu-se na disputa, divididos perante a desumanidade do ato.

Subitamente, ouviu-se um som oco e Sami sentiu-se atordoado. Empurrada por alguém, a esposa, cujo nome significava «vida», acabara de embater violentamente com a cabeça no motor do barco.

O marido correu para ela e segurou-lhe com as mãos trémulas o rosto manchado de sangue. Não respirava. A filha seguiu-o com esforço, irrompendo por entre os outros migrantes, e agarrou-se ao corpo morto de Aisha.

O sonho conhecera um triste destino.

Estocolmo, Suécia

No Fim do Ano de 2013

Sami olhou pela janela, surpreendido pelo manto branco que cobria o parque de estacionamento. Ainda não se habituara à neve. Era estranha, tal como a cidade fria que os acolhera. Estava a esforçar-se, só Alá sabia quanto, mas ainda sentia dificuldade em falar a língua, o que se tornara num problema para manter um emprego.

Todavia, o pior de tudo acabavam por ser as pessoas. Ali, todos pareciam insatisfeitos. Apesar da pele branca e do cabelo dourado como o sol que queimava o deserto, não sorriam, ou sequer se cumprimentavam. Limitavam-se a passar uns pelos outros, com um ar tenso e os olhos fixos nos telemóveis estranhos e grandes que seguravam nas mãos.

O homem ouviu bater à porta. Sentada no chão atrás dele, entretida a brincar com uma boneca de trapos que à chegada lhe fora oferecida pelas autoridades suecas, Sarita, a filha, levantou a cabeça e olhou-o, assustada. Era ela o seu único conforto. O longo cabelo castanho que lhe caía pelas costas lembrava-lhe cada vez mais o da mãe. Aisha sacrificara-se para os salvar a todos na noite em que tinham entrado na Europa.

O seu ato de heroísmo ao defender aquele pobre bebé, cuja mãe ameaçava deitá-lo ao mar, valera-lhes o acolhimento. Sensibilizada,

a guarda costeira grega conduzira-os a Lesbos, onde ficaram a viver durante alguns meses, à custa da generosidade da população local. Mas ali não havia vida para eles e quando a Alemanha decidira receber cinco mil pessoas por dois anos, ele não hesitara. Pegara nos filhos e seguira para Berlim.

No entanto, a estadia durara pouco tempo. A Suécia oferecera-se para acolher 12 mil refugiados por tempo ilimitado. E fora assim que Sami se mudara novamente, dessa vez ainda mais para norte, rumo a Estocolmo. Diziam que a população tinha um espírito muito aberto. Talvez fosse verdade, embora na realidade continuasse a tratá-los como aquilo que efetivamente eram — expatriados.

Sami trocou um olhar benevolente com Sarita. Tivera recentemente a primeira menstruação e agora devia cobrir o cabelo na presença de outros homens, que não fossem o pai, ou o irmão. Envergonhada, a menina assim fez, executando igual manobra na boneca com a qual brincava. Apesar da perda precoce da mãe, era uma menina de uma inocência e doçura imensas.

O pai dirigiu-se à porta e abriu-a. Do outro lado, um homem não tão alto como ele, com barriga e também de tez morena, olhou-o por dois segundos e, seguidamente, abraçaram-se com força, batendo efusivamente nas costas um do outro. Jamil tornara-se num bom amigo. Conheciam-se da Síria e tinham voltado a encontrar-se. Sendo um refugiado da primeira vaga, dedicava-se agora a ajudar aqueles que, tal como ele, fugiam do país de origem.

Os dois desfizeram o abraço e Sami acolheu-o no interior do apartamento modesto em que vivia. Sentia-se curioso relativamente ao que o trouxera até ali, uma vez que morava a mais de cinco quarteirões de distância. Mas eram boas notícias.

— Portugal? — As palavras saíram-lhe lentamente dos lábios.

Conhecia o nome. Sabia que era um país, situado algures na Europa, embora não tivesse a certeza onde.

— Sim, Lisboa — confirmou Jamil, assentindo veementemente com a cabeça. — Muito boa gente.

Sami olhou para o postal velho e amarrotado que o amigo segurava nas mãos. Uma família conhecida dele fizera o contacto. Yusef,

o imã da Mesquita Central da cidade, ao ouvir falar nos seus talentos de cozinheiro, oferecera-se para lhe arranjar um emprego. Era num restaurante, tal como na Síria.

— Sol. Boa gente — repetiu Jamil, batendo, entusiasmado, com o dedo no postal.

O homem admirou a fotografia impressa. Mostrava um monumento antigo, com a forma de uma torre, que entrava pelo rio adentro. O céu e a água eram de um tom azul cristalino, mas foi o céu aquilo que mais o encantou: alegre, com uma luz inexcedível, tal como a terra que tão tristemente se vira forçado a deixar para trás.

Sami olhou para a filha, que continuava sentada no chão, a sorrir para a boneca.

— O que dizes, Sarita? Gostarias de ir para Portugal?

— Como quiseses, *baba*.

O homem olhou para Jamil e assim ficou, em silêncio, até que os lábios se abriram num sorriso rasgado, talvez o primeiro depois da morte de Aisha. Que assim fosse.

— Aceito! Quando podemos ir?

Satisfeito, o amigo foi para lhe responder, mas ao aperceber-se de uma presença súbita na sala, calou-se. Um adolescente, com penugem no rosto e umas íris tão azuis como as da falecida mãe, observava-os.

— Ahmad, o Jamil encontrou-me um emprego em Portugal. Como cozinheiro, imagina só!

O rapaz deixou-se ficar parado junto à porta do quarto onde dormia com o pai e a irmã. Não tinham espaço para mais. O rosto manteve-se fechado. Naturalmente calado, tornara-se ainda mais reservado depois de testemunhar a morte da mãe.

Sami aproximou-se e mostrou-lhe o postal. Lisboa; talvez o seu muito amado soubesse onde ficava. Era tão inteligente. Foi para lhe tocar afetivamente no ombro. Ele aceitou a fotografia, mas esquivou-se ao gesto de carinho, ficando de pé a fitar o pai com uma expressão difícil de interpretar.

Depois, refugiou-se no quarto, deixando a irmã e o pai a sós com o amigo. Puxou de uma caixa pequena que tinha debaixo da

cama e abriu-a. Lá dentro, estavam duas fotografias, uma dele com a irmã, e outra, da mãe. Observou o postal que lhe fora dado, indeciso quanto a se haveria de guardá-lo lá dentro. Iam mudar-se novamente. Expressivos e grandes como os de Aisha, os olhos azuis encheram-se de lágrimas.

Num gesto de impetuosidade, contendo um grito revoltado, rasgou o postal em pedaços. Os ocidentais infiéis tinham-lhe matado a mãe. Nunca sentira tanto ódio.

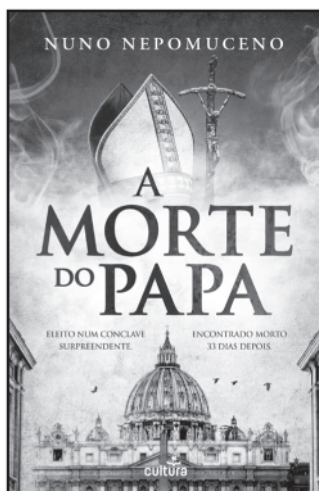
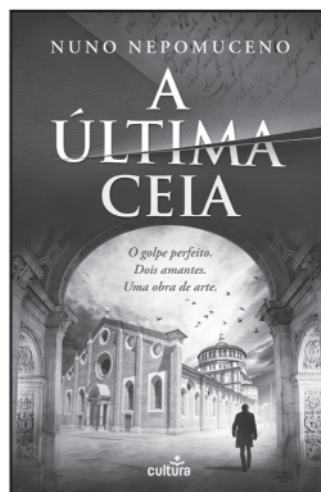
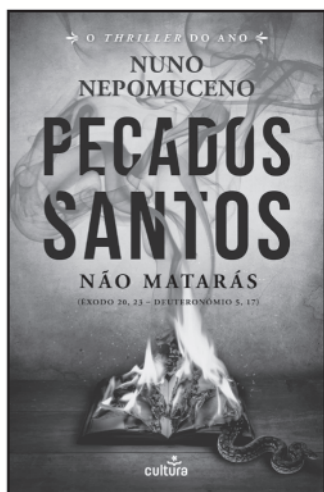
E descobre ainda o *podcast*
com *Os Ficheiros Catalão*

O lado mais negro da história de
Afonso e Fatima numa nova e
inovadora experiência de leitura

Disponível gratuitamente em:
www.osficheiroscatalao.com



Completa a série *Afonso Catalão*



Encomenda já os restantes títulos da série em:
www.culturaeditora.pt

Para ficar a par de todas as
novidades e receber todas
as nossas ofertas especiais,
inscreva-se já no nosso
clube de leitores:

